

**Singular coletivo: o trabalhador da cidade em Caçambas**

*Collective Singular: The City Worker in Caçambas*

Autoria: Daniel José Gonçalves

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7347-6478>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3640280269793650>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208434>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208434>

Recebido em: 22/02/2023. Aprovado em: 09/05/2023.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: [opiniaes@usp.br](mailto:opiniaes@usp.br)

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

---

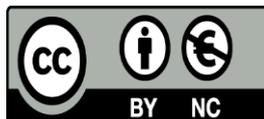
**Como citar (ABNT)**

GONÇALVES, Daniel José. Singular coletivo: o trabalhador da cidade em *Caçambas*. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 19-33, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208434>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208434>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

---

# singular coletivo: o trabalhador da cidade em *caçambas*

Collective Singular: The City Worker in *Caçambas*

**Daniel José Gonçalves<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208434>

---

<sup>1</sup> Graduado e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail: [danieljg@usp.br](mailto:danieljg@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7347-6478>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3640280269793650>.

**Resumo**

A partir da leitura de *Caçambas*, de Ruy Proença, aborda-se a representação do trabalhador contemporâneo na cidade. A proposta é demonstrar que a experiência singular, ou seja, o cotidiano, traz à tona aspectos da forma capitalista de produção e reprodução da vida no mundo contemporâneo. Assim, na abordagem do singular, o autor revela um coletivo que vivencia a alienação, o estranhamento, a exclusão e a precarização como experiências comuns aos trabalhadores da cidade.

**Palavras-chave**

Trabalho. Cidade. Poesia Contemporânea.

**Abstract**

Based on the reading *Caçambas*, by Ruy Proença, the representation of the contemporary worker in the city is approached. The proposal is to demonstrate that the singular experience, that is, daily life, brings up aspects of the capitalist form of production and reproduction of life in the contemporary world. Thus, in the singular approach, the author reveals a collective that experiences alienation, strangeness, exclusion, and precariousness as common experiences for workers in the city.

**Keywords**

Work. City. Contemporary Poetry.

Para Marx, e a sociologia em geral, trabalho é uma categoria indispensável para se pensar o mundo e a vida humana em suas várias facetas. Como explica Luís Antonio Cardoso (2011, p. 269, grifos do autor), em Marx “o trabalho [...] constitui-se como uma eterna necessidade natural da vida social, isto é, o meio pelo qual permitiu ao ser social se impor sobre a natureza que o cerca, exercer seu reconhecimento sobre ela e transformá-la, transformando-se a si próprio.” Todavia, tal força ontológica possui uma contraface. Na apresentação para A ideologia alemã, Emir Sader (2007) diz que se o mundo é criado pelos seres sociais por meio do trabalho, tal processo não se dá de forma consciente, aspecto que acrescenta a alienação à relação mundo-trabalho-ser social. Ainda que simplificadora, a formulação acima permite antever que a divisão do trabalho, na forma capitalista de produção e reprodução da vida, tem papel determinante não só na estrutura e na organização social, mas também nas transformações do mundo, na vida dos seres sociais e em como ela é percebida por eles.

Contemporaneamente, o contexto neoliberal de globalização produtiva, mercadorização e concorrência acirrada “tem gerado uma imensa sociedade de excluídos e precarizados [...]” (ANTUNES, 2000, p. 36). Trata-se de um enorme contingente de trabalhadoras e trabalhadores desempregados ou em situações instáveis e precarizadas, nas formas de trabalho intermitente, informal, flexível, dentre outras. Além disso, a erosão de direitos e a corrosão das carreiras deixam o terreno ainda mais movediço, não só para a organização da vida, mas também para a percepção que as pessoas fazem de si mesmas (SENNET, 2010). Seja no setor de serviços, na indústria ou nos demais setores e suas inter-relações, trata-se de um fenômeno com muitas faces e tentáculos, que obriga, recorrentemente, a todos encararem os riscos e serem tocados por eles, na obrigação de se “reinventar”, “empreender”, “reciclar” e assim por diante. A competição, enquanto ideologia de mercado, caracteriza-se como regra para tentar não cair na massa de excluídos. Competição, portanto, que se configura como regra também de convivência entre as pessoas (SANTOS, 2020, p. 57).

No contexto da cidade, o trabalho mostra-se mais visivelmente contraditório, fragmentado e diversificado. Como argumenta Henri Lefebvre (1999), a cidade é o lugar da luta de classes, a qual se manifesta materialmente, devido ao fato de que nela se concentram os meios de produção e de reprodução da vida. É onde os antagonismos se manifestam em cada esquina, configurando paisagens em que prefiguram concomitantemente o desenvolvimento econômico, a condição de animalidade dos muitos que ficaram para trás e a luta cotidiana dos precarizados, sempre na corda bamba do tudo ou nada. Como observa Slavoj Žižek (2011, p. 24), “é bem verdade que vivemos numa sociedade de escolhas arriscadas, mas apenas alguns têm a escolha, enquanto os outros ficam com o risco...” Trata-se, ainda segundo o autor, de um modo de vida enquanto crise, em que o risco é a configuração do destino (ŽIZEK, 2011, pp. 27-34).

Em Caçambas, Ruy Proença encena a relação vida-trabalho-cidade, abordando o paradoxo do “singular coletivo”, nome do capítulo onde se reúnem poemas que trazem tal discussão. A partir do tratamento do singular, ou seja, da vida, do cotidiano, das esperanças e riscos dos eus que se apresentam nos poemas, o autor traz à tona um coletivo que vivencia experiências similares, descortinando aspectos da estrutura capitalista de produção e reprodução da vida. Assim, aparecem em seus poemas a alienação, o estranhamento, enquanto elemento

impeditivo do desenvolvimento da capacidade humana (ANTUNES, 2006, pp. 123-136), a exclusão, a precarização, os riscos e resistências do cotidiano, em cenas, muitas vezes, aparentemente banais, mas que comportam as contradições e configurações da vida no trabalho e na cidade contemporânea. A imagem que o título do livro evoca, dá conta daquilo que seus poemas suscitam: entre restos para descarte a restos a serem reutilizados, as pessoas, enquanto “singular coletivo”, não vão muito além das sobras produzidas pela estrutura social urbana. Corrobora, sob esse aspecto, a análise de Mauro Luis Iasi:

As pessoas vivem as explosões cotidianas das contradições urbanas na forma de uma serialidade, isto é, presas em seus casulos individuais, estão no mesmo lugar fazendo as mesmas coisas, mas não formam um grupo, e sim um coletivo serial no qual prevalece a indiferença mútua. (IASI, 2013, pp. 41-42)

Uma indiferença, ironicamente, compartilhada, coletiva, que se manifesta no singular das escolhas e riscos vividos cotidianamente. A falta de noção de coletivo no trabalho e na cidade, nesse sentido, camufla a experiência coletiva em individual e singular. Ignora-se, portanto, a luta de classes premente e o utilitarismo, a que ficam submetidos trabalhadores e trabalhadoras.

Em Motoboy, a linguagem de anúncio de classificados de jornal trata de uma procura, que coloca exclusão e precarização como saldo da disputa pela dádiva de trabalhar:

#### MOTOBOY

jovem  
saudável  
com iniciativa  
prestativo  
disposto  
expedito  
bem-humorado  
veículo próprio  
procura

superior  
para lhe  
dar ordens  
ambíguas  
o reprimir  
explorar  
humilhar  
castigar

jovem  
e necessitado  
(a cidade  
não é obstáculo)  
pau pra toda obra

faz  
tudo

hora extra  
trabalho sujo  
carrega piano  
dá a cara  
pra bater  
(PROENÇA, 2015, pp. 87-88)

O poema propõe uma inversão: o “jovem” cheio de qualidades, ao invés de estar à procura de algo bom para si e que o retribua pelas qualidades ofertadas, se oferece a um “superior” que lhe dê ordens, que o reprima, explore, humilhe e castigue. A razão para tal disposição se apresenta na terceira estrofe: “jovem / e necessitado”. A necessidade faz dele “pau pra toda obra”, não importando o tipo de trabalho (“trabalho sujo”) nem o quanto demore (“hora extra”) ou custe (“carrega piano / dá a cara / pra bater”). O “jovem”, ainda, não procura exatamente um trabalho, mas um “superior”. Assim, trabalho, aqui, perde sua carga transformadora, sua característica de *meio* entre o ser social e o mundo (a natureza), em favor do “superior”, que detém os meios de produção e reprodução da vida. A busca pela subsistência se traduz, então, na submissão do sujeito à condição de mercadoria, à condição de trabalhador descartável, suscetível às circunstâncias impostas pelo “superior” e à exploração de sua mais-valia. Tal cenário se coaduna com o mercado financeirizado e sua pragmática de flexibilização total do mercado de trabalho. Como adverte Ricardo Antunes,

de um lado deve existir a disponibilidade perpétua para o labor, facilitada pela expansão do trabalho on-line e dos “aplicativos”, que tornam invisíveis as grandes corporações globais que comandam o mundo financeiro e dos negócios. De outro, expande-se a praga da precariedade total, que surrupia ainda mais os direitos vigentes. Se essa lógica não for radicalmente confrontada e obstada, os novos proletários dos serviços se encontrarão entre uma realidade triste e outra trágica: oscilarão entre o desemprego completo e, na melhor das hipóteses, a disponibilidade para tentar obter o *privilégio da servidão*. (ANTUNES, 2018, p. 34, grifos do autor)

Privilégio da servidão, eis do que se trata tal anúncio de classificados. Diante das realidades triste e trágica, o motoboy se oferta para alcançar a trágica, colocando-se em disponibilidade perpétua, em precariedade, sem direitos nem benefícios. Isso devido ao fato de que a realidade que provavelmente lhe concerne no momento é a triste, de desemprego e exclusão. Pode-se argumentar tratar-se de um novo tipo de escravidão, que ascende a partir do “*novo proletariado de serviços*, uma variante global do que se pode denominar *escravidão digital*” (ibidem, p. 30, grifos do autor). Nesse sentido, na problemática trazida pelo poema, a situação do motoboy é correlata à *uberização* e ao *zero hour contract*, modalidades em que “trabalhadores das mais diversas atividades ficam à

disposição esperando uma chamada. Quando a recebem, ganham estritamente pelo que fizeram, nada recebendo pelo tempo que ficaram à disposição da nova ‘dádiva’”. (ibidem, p. 34, aspas do autor) Ademais, os custos também ficam a cargo do trabalhador que, com “veículo próprio”, precisa arcar com as despesas da própria exploração: veículo, combustível, reparos, espera, alimentação, previdência, entre outros. Tratam-se dos riscos embutidos na “dádiva”, que não oferece sobremaneira qualquer escolha. Exclusão e precarização como as duas faces da mesma moeda.

O poema ainda traz a cidade como pano de fundo: “(a cidade / não é obstáculo)”. Embora entre parênteses, dita como se “de passagem”, sua inserção dá conta de conferir um espaço àquela experiência, àquelas circunstâncias, àquela relação entre o “motoboy” e o “superior”. Sob esse aspecto, o espaço, no caso, a cidade, não se configura apenas como meio onde tais situações ocorrem, mas também como produto das relações, onde se produz e se reproduz um determinado modo de vida e a relação capital-trabalho. Essa dialética do espaço confere à cidade diferentes acepções no poema. Pode-se inferir a cidade enquanto sujeito, conceito debatido em Lefebvre por Godoy (2008), uma vez que é dotada de ação a ponto de se constituir como possibilidade de obstáculo. Segundo o autor,

O espaço social como condição de reprodução do trabalho adquire dois sentidos: ora com o produto do trabalho, e neste caso representa uma dimensão material que expressa a racionalidade do capital; ora como condição e resultado da práxis do sujeito histórico que alude à possibilidade de superação das contradições geradas no seio do processo de produção de mercadorias, ou seja, a condição imaterial que sustenta-se enquanto mediação. (GODOY, 2008, pp. 129-130)

A cidade, sob aspecto, ao mesmo tempo se faz e é feita, é condição e produto, meio e agente, é espaço dialetizado, contraditório e de conflito, que detém as condições materiais e imateriais concernentes à relação capital-trabalho. Dessa forma, esse espaço, mencionado de passagem entre parênteses e que pode simbolizar um “obstáculo”, representa outro aspecto da dialética própria da cidade, ou seja, ele se configura ao mesmo tempo aliado e rival do motoboy. Os parênteses, assim, indicam uma espécie de esclarecimento, resposta à uma pergunta tacitamente formulada.

Ligados a esse aspecto, outros dois elementos aparecem de forma implícita na dialética da cidade. Milton Santos (2012, p. 33, grifos do autor) argumenta que “o espaço é a matéria trabalhada *por excelência*: a mais representativa das objetificações da sociedade, pois acumula, no decurso do tempo, as marcas das práxis acumuladas.” Carregando em si as marcas das práxis acumuladas, a cidade traz, portanto, as impressões das desigualdades acumuladas no decurso do tempo, que se manifestam na paisagem de diferentes formas, seja na configuração material dos bairros e ruas, por exemplo, seja na distância simbólica e econômica que a relação motoboy-superior sugere no poema. Ainda segundo Milton Santos (ibidem, p. 32), “com o desenvolvimento das forças produtivas e a extensão da divisão do trabalho, o espaço é manipulado para

aprofundar as diferenças de classes. Essa mesma evolução acarreta um movimento aparentemente paradoxal: o espaço que une e separa os homens.” E aqui, separar tem a dupla dimensão do afastamento físico entre o bairro do trabalhador e o do patrão, por exemplo, bem como a divisão simbólica entre o que detém as condições de mandar e aquele que aspira ao privilégio da servidão. A união diz respeito ao compartilhamento do espaço. Nesse sentido, o anúncio de classificados em que o motoboy se oferece a um superior na cidade revela um histórico de exclusão e precarização, em que a necessidade de sobrevivência, a distância de classe, a distância espacial e também a aproximação, entre outros elementos, não se concernem ao caso de um sujeito isolado, mas de um coletivo submetido às dialéticas da cidade e da relação capital-trabalho.

As dualidades da cidade podem ser também abordadas em *Mobília*, que traz à tona o sujeito-resto, o que se descarta na *Caçamba*, bem como o estranhamento:

### MOBÍLIA

cidade,

demole  
abate  
meu corpo

fura  
quebra  
arranca meus vidros

tudo –  
ossos unhas ferros  
olhos tímpanos –  
brita  
mói

faz de mim  
pó

e depois  
me reconstrói  
me recria  
frankenstein  
me ergue  
me põe em pé

sem memória  
sem história  
embora vivo  
(PROENÇA, 2015, pp. 96-97)

A imagem evocada por “mobília” sugere uma dupla face: trata-se, ao mesmo tempo, de coisa e gente. É ornamento, algo que integra a paisagem da cidade, mas também alguém que age e interage nela. A mudança de gênero

reforça algo duplo: o último verso aponta para um eu poético masculino (“vivo”), enquanto o título apresenta um substantivo feminino (“móbia”). Tal modificação enuncia a modulação entre coletivo e o singular, isto é, entre o genérico, por assim dizer, da experiência coletiva e o singular da súplica do sujeito. Móbia, afinal, é uma palavra que se refere a diferentes *coisas*, enquanto a súplica trazida no poema configura-se numa voz individualizada que irrompe da experiência coletiva. As duplas faces, sob esse aspecto, não são autoexcludentes, pelo contrário, são complementares, parte da dialética do sujeito. Sendo assim, dotado de vidros e ferros, mas também de ossos, unhas, olhos e tímpanos, o eu poético que se constitui é um sujeito-coisa, entulho, um sujeito-resto, material descartado no seio da cidade – como muitos. O vocativo do primeiro verso e estrofe marca o rogo pela destruição e refazimento, um pedido por metamorfose que, no entanto, é a recriação para algo “sem memória / sem história”. O sujeito-resto tem voz, vontade, e pede o abate do corpo, a demolição, até se tornar pó, coisa nenhuma, e então deixar para trás tudo o que já foi, não só o corpo, mas também memória e história – espírito, por assim dizer. O pedido pela reconstrução como um “frankenstein”, um prometeu moderno, configura a fé cega na cidade, a metáfora do romance de Mary Shelley trazida aos desígnios da cidade, absoluta sobre tudo e todos, dona da criação. O eu poético, sob esse aspecto, entrega a sua vida, seu corpo, memória e história à cidade e suplica a ela que lhe mantenha vivo, ainda que em outra forma e sem espírito, sem humanidade.

A aproximação entre coisa e pessoa propõe que na cidade tudo é reificado e passível de se tornar resto, entulho, mercadoria, ao mesmo tempo em que tudo pode ser recriado pela força transformadora da própria cidade, ou seja, a partir da dialética da cidade. Todavia, o poema sugere que o sujeito-resto, uma vez mercadoria, pode ser usado pela cidade para seu conforto e ornamento (“móbia”), compondo sua paisagem e sendo composto por ela, e que a força de trabalho do sujeito, ou seja, sua força transformadora, está submetida aos desígnios da cidade. Nesse sentido, se os sujeitos fazem o espaço e são feitos por ele, o que o rogo demarca de diferente é o estranhamento e a alienação provocados pela submissão ao espaço, ou melhor, pela submissão à estrutura da sociedade capitalista e pelo ocultamento das contradições da cidade e do trabalho que o rogo e a “fé” oferecem ao poema. Nesse ocultamento, basta que se mantenha a vida, ainda que disforme, sem memória nem história. Do ponto de vista do discurso, conforme a perspectiva bakhtiniana, “a manutenção da divisão social e a perpetuação da hegemonia da classe dominante exige que os sinais contraditórios ocultos em todo signo ideológico sejam mantidos apagados.” (MIOTELLO, 2021, p. 173) Apesar de o poema conduzir a reflexão para o campo das divisões de classe, diante da necessidade que incita ao rogo, o eu poético opta pela manutenção do *statu quo*, não pela superação do cenário que o reifica. De certa forma, é nisso também que reside a força do texto, uma vez que se trata de um ocultamento aparente, ou seja, é na subserviência tácita que as contradições são reveladas. Conforme explica Alfredo Bosi,

O trabalho poético é às vezes acusado de ignorar ou suspender a práxis. Na verdade, é uma suspensão momentânea e, bem pesadas as coisas, uma suspensão aparente. Projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito

mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias, o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. E aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres. [...] A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar. (BOSI, 2000, p. 227)

Nesse sentido, as imagens trazidas pelo poema, dentre elas a de súplica à cidade como se esta fosse uma espécie de deusa capaz de lhe recriar e lhe manter vivo, dão conta da adaptação a que o sujeito se força para a sobrevivência, ou, utilizando a linguagem comum no mundo do trabalho contemporâneo, expõe a necessidade de resiliência, sublevando sua condição reificada.

Segundo Ricardo Antunes (2006, p. 127), “o estranhamento remete, pois, à ideia de barreiras sociais que obstaculizam o desenvolvimento da personalidade humana. Tem-se como retrato não o pleno desenvolvimento da omnilateralidade do ser, mas sua redução ao que é instintivo e mesmo animal.” O trabalho condicionado à lógica do capital, portanto, desrealiza o ser social, desumaniza-o, uma vez que o reduz à mercadoria, como muitas, descartável – e, quando tanto, reutilizável. Além disso, restringe suas necessidades ao instintivo, ao mínimo, obliterando suas possibilidades de desenvolvimento humano. Nas cidades cada vez mais cheias, não é difícil imaginar a quantidade de entulho humano apto às manipulações de seu ser e necessidades.

Para Mauro Luis Iasi, em artigo que discute as chamadas *Jornadas de Junho de 2013*<sup>2</sup>,

Submetidos à serialidade e à consciência reificada, acordamos de manhã, tomamos o ônibus e pagamos pelos bens e serviços utilizando o equivalente geral na forma monetária, do mesmo modo que o adquirimos vendendo nossa força de trabalho. O imediato não se apresenta à consciência como uma forma particular – a forma capitalista de produção e reprodução da vida –, mas como a “vida” em si. Quando nos chocamos com as contradições da vida e o desejo explode em nós, a ordem nos responde: “caiam na real”. Ao tomar o ônibus e perceber que a passagem aumentou, o indivíduo serializado pode reagir de duas formas: aceitar, porque “a vida é assim, fazer o quê?”, ou reclamar, pois “a vida não deveria ser assim” – e pagar. (IASI, 2013, pp. 42-43)

A alienação decorrente da consciência reificada, da submissão à serialidade do cotidiano na cidade, dessa maneira, reduz o coletivo ao singular,

---

<sup>2</sup> Embora iniciadas em São Paulo devido ao aumento de R\$0,20 na passagem do transporte coletivo da capital, as *Jornadas de Junho* foram uma série de mobilizações de massa, ocorridas simultaneamente em inúmeras cidades e regiões do país, que se estenderam por vários meses e reuniram milhões de pessoas em torno de inúmeras pautas.

que não percebe a forma capitalista de produção e reprodução da vida, compreendendo que “a vida é assim mesmo”. Com o apagamento ou ocultamento das contradições, portanto, mais facilmente se percebe “a vida em si” como uma serialidade incontornável. Assim, irrefletidamente o sujeito se transforma em resto ou, no mínimo, mais tranquilamente se conforma com tal reificação – no máximo vai reclamar um pouco, mas terminará por pagar o preço solicitado. O rogo trazido pelo poema se coaduna à corrosão das carreiras e à erosão dos direitos no mundo do trabalho contemporâneo, precarizado e instável, cujas faces e tentáculos fazem com que todos, cedo ou tarde, devam ser resilientes, isto é, se confrontem e sejam tocados para se reinventar, empreender, reciclar, “reconstruir”, “recriar” e assim por diante – isso se as dádivas da cidade o permitirem. Já não importa o que se produz, importa que a “vida” se mantenha, ainda que em um sujeito sem espírito, sem história, mutilado ou destruído.

Ricardo Antunes, por sua vez, argumenta que

Estranhado frente ao produto do seu trabalho e frente ao próprio ato de produção da vida material, o ser social torna-se um ser estranho frente a ele mesmo: o homem estranha-se do próprio homem. Torna-se estranho em relação ao gênero humano. “O homem se converte em um simples meio para outro homem; um meio para a satisfação de seus fins privados, de sua avidez”. Não se verifica o momento de identidade entre o indivíduo e o gênero humano – isto é, o homem vivendo *para-si-mesmo conscientemente como gênero* –, mas o seu contrário. (ANTUNES, 2006, p. 128, grifos do autor)

Do estranhamento em relação ao gênero humano, ao trabalho e ao produto do trabalho, da conversão em meio para a satisfação de outros fins que não os dele mesmo, da redução de suas necessidades às mais básicas, da desumanização, portanto, resulta o sujeito-resto, “sem memória / sem história”, suplicante à própria demolição e recriação apenas para a manutenção da serialidade do cotidiano, da vida na cidade. Dentro da mesma lógica de estranhamento e alienação, em *Ensino* (PROENÇA, 2015, pp. 110-111), “os professores / especializaram-se / na teoria e prática / da corda bamba”, embora quisessem “ir além”, e onde, “no fundo do poço / (sem os peixes)”, “já vivem / em solidário / acampamento”. Para eles, “fazer upgrade – / um curso de mágico” talvez ajudasse, “mas o salário / não dá nem / para as contas / (mínimas)”. Eis que a vida não reificada e não alienada não pode se realizar e o salário para pagar as contas, motor das necessidades, é como “um copo tão pequeno / que mais parece um dedal” (ibidem, p. 124), não mata a sede.

Neste cenário de estranhamento e alienação, a ironia representa uma contraditória saída entre o conformismo e a resistência:

#### RELÓGIO NO AQUÁRIO

quero passar a vida  
num cartório –  
este

por exemplo

aqui me permitem  
não fazer  
o que importa  
e mais

acompanhar a mosca  
que se desloca  
do lustre  
para a fórmica do balcão

do balcão  
para um ponto preciso  
na parede

as pessoas têm muita pressa  
são ansiosas  
não despregam o olho  
do painel eletrônico –  
anseiam pelo alarme  
com seu número

a vida passa  
muito rápido

não aqui  
neste aquário  
seco

(PROENÇA, 2015, pp. 93-94)

É “melhor” a vida que se passa num cartório, num posto de atendimento circundado por vidros que separam os atendentes entre si e eles dos clientes, pois ali, ironicamente, “permitem / não fazer / o que importa”. O que importa, ou seja, a vida, não é permitida dentro do local de trabalho. Apesar dessa “vantagem”, “neste aquário / seco” sem vida oportuniza-se ao trabalhador uma brecha, o olhar vagabundo que flutua pelo inútil: “acompanhar uma mosca / que se desloca”. Enquanto isso, as demais pessoas têm seus olhares presos ao “painel eletrônico” e “têm muita pressa”, mas ali o tempo passa devagar. No final, apenas a mosca goza de alguma liberdade, ao passo que todos os demais habitam casulos diferentes. Trata-se da fragmentação do tempo e do espaço da cidade. O olhar que vaga inútil é como um sopro que resiste à total reificação, um sopro de humanidade que se orienta à curiosidade e ao espírito:

Precisamos do inútil como precisamos das funções vitais essenciais para viver. [...] Especialmente nos momentos de crise econômica, quando as tentações do utilitarismo e do egoísmo mais sinistro parecem ser a única estrela e a única tábua de salvação, é preciso compreender que exatamente aquelas atividades que não servem para nada podem nos ajudar

a escapar da prisão, a salvar-nos da asfixia, a transformar uma vida superficial, uma não vida, numa vida fluida e dinâmica, numa vida orientada pela *curiositas* em relação ao espírito e às *coisas humanas*. (ORDINE, 2016, p. 19, grifos do autor)

A contradição do poema, sua modulação que pende entre as prisões do trabalho, do tempo e do espaço e o olhar que vaga inútil, improdutivo, ao menos marca um ponto de fuga do utilitarismo que reifica tudo o que não produz valor monetário. É uma espécie de resistência à racionalidade do capital. A alienação, sob esse aspecto, passa por um desvio, onde se permitir o olhar improdutivo, trabalhar mais lento, não se resignar totalmente ao utilitarismo da forma capitalista de produção e reprodução da vida, ainda que não revolucionários, são contrapontos, “irracionalidades” a partir das quais é possível a ampliação da consciência (SANTOS, 2020, pp. 114-115). De fato, é quase nada, porém, o olhar vagabundo que se orienta pela *curiositas* permite minimamente a observação silenciosa das contradições, ajuda o trabalhador a escapar da prisão, da asfixia, da superficialidade, do estranhamento, dirigindo-se, mesmo que por uma brecha, ao espírito e às coisas humanas. Como salienta Ailton Krenak (2020, p. 27), “minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história.” Nem que seja a história de uma mosca ou de um pôr do sol:

#### SALÁRIO

Eu vi o pôr do sol  
na parede  
de um prédio.

Quase sem janela e sem olhos  
para ver  
eu vi o pôr do sol.

Devo ficar feliz:  
o prédio era  
um grande espelho.

E as cores do oeste  
em sua fachada,  
razoavelmente fauves.  
(PROENÇA, 2015, p. 121)

“Quase sem janelas e sem olhos”, obstruídos pelos afazeres, obrigações, compromissos e pela paisagem da cidade, que se levanta aguda e fria, cinza, sobre o terreno e o imaginário das pessoas, o salário recebido pelo eu poético foi a vista de um pôr do sol. Ironicamente assistido como reflexo, não, portanto, diretamente, tal vista deve ser motivo de felicidade: “o prédio era / um grande espelho” e haviam cores “em sua fachada / razoavelmente fauves”. Mais uma vez o olhar é ponto de inflexão e resistência, que mudamente questiona a estrutura do modo de produção, embora não seja capaz de superar o estranhamento – é apenas momento de respiro em que se cultiva alguma humanidade. O verdadeiro pagamento

(“salário”), dessa forma, é um momento de vida, cor e luz observado de reflexo nas brechas da exploração.

A cidade, desigual, se erige também desigualmente aos olhares, ora presos em aquários de escritórios, ora impedidos por paredes de prédios, ora abertos àqueles que gozam de alguma mobilidade, termo chave para acessos na cidade. Sob essa ótica, a apropriação da cidade não se dá linearmente, mas de forma conflituosa, e a vida, ou os sopros de vida passíveis de serem percebidos, revela-se de acordo com as possibilidades oferecidas pela paisagem da cidade e o lugar que o sujeito ocupa nas divisões do trabalho. Em *Mobilidade* (PROENÇA, 2015, pp. 84-86), por exemplo, o eu poético se dirige ao trabalho de bicicleta, contemplando e saudando (“ave”) o rio, as pessoas (“tristes / parados como eu ontem / na estação de trem”), as aves e os animais, mas sem ignorar o “pássaro-garrafa” e o “paturi-tampa-de-privada”, nem tampouco o “deus amoníaco” e o “deus enxofre” que os pulmões inspiram. Ironicamente, nesse cenário, a fé na vida se renova, e a saudação se dirige então às máquinas e prédios, aos operários da construção civil, às pontes e passarelas, até desembocar em nova saudação (“evoé”), desta vez à “chuva fina”, à “íngreme escadaria”, aos “relatórios”, ao “fim de linha”, à “aspirina”. Vida e estranhamento juntos no trajeto ao trabalho. Segundo Ricardo Antunes (2006, p. 127), “sob o capitalismo, o trabalhador repudia o trabalho; não se satisfaz, mas se degrada; não se reconhece, mas se nega.” Daí o “fim de linha”, a “aspirina”, como elementos últimos do trajeto, pontos de chegada. O sopro de vida configura-se, nesse cenário, como mais um aspecto essencial à manutenção da serialidade do cotidiano na cidade, ao mesmo tempo em que se constitui como brecha contraditoriamente irônica ao estranhamento. As contradições, portanto, não são superadas, e o estranhamento e alienação mantêm-se como componentes da vida do trabalhador na cidade.

## considerações finais

As complexidades da cidade e do mundo do trabalho na contemporaneidade não escondem a situação de exclusão e precariedade com que convivem trabalhadoras e trabalhadores. A diversidade de tipos de trabalhos disponíveis na cidade e, conseqüentemente, os diferentes matizes da experiência singular de vulnerabilidade combinam-se com a alienação, o estranhamento, a exclusão, a precarização e a instabilidade como os diapasões da experiência coletiva diária de trabalhadoras e trabalhadores. Reificados, no máximo encontram uma brecha de onde, ironicamente, tiram um sopro de humanidade e, ao mesmo tempo, um fôlego para continuarem a labuta na serialidade da vida cotidiana. Singular coletiva, a representação do trabalhador nos poemas de Caçambas expõe um modo de produção e reprodução da vida no âmbito das cidades que desumaniza o ser social, deixando-o estranho à própria humanidade. Numa espécie de processo veloz e ininterrupto, como um ônibus que não para nem em meio à tempestade, “singular, / o coletivo não para / acelera” (PROENÇA, 2015, p. 117).

## referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 11. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio. *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010020526/gentili.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARDOSO, Luís Antonio. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. *Tempo Social*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 265-295, 2011. DOI: 10.1590/S0103-20702011000200011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12675>. Acesso em: 25 jan. 2023.

IASI, Mauro Luis. A rebelião, a cidade e a consciência. In: *CIDADES REBELDES: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999.

GODOY, Paulo Roberto Teixeira de. A produção do espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva Lefebvriana. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online), [S. l.], v. 12, n. 2, p. 125-132, 2008. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2008.74084. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74084>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil: um manifesto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PROENÇA, Ruy. *Caçambas*. São Paulo: Editora 34, 2015.

SADER, Emir. Apresentação. In: MARX, Karl. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Fauerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seu diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ZIZEK, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo, 2011.